



# VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

## "Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013

ISSN 1982-3657



### O AGIR DOCENTE E DISCENTE ENTRE A LEITURA E A ESCRITA: NAS TRILHAS DA ATIVIDADE SOCIAL

**CARLOS HÉRIC SILVA OLIVEIRA**

#### EIXO TEMÁTICO 15: Estudos da Linguagem

#### RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre o ato de ler e escrever na aula de Língua Portuguesa. A motivação pela pesquisa surgiu quando o professor percebeu o pouco interesse dos discentes pela leitura e escrita. Desta feita, acredita-se que a perspectiva da Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC), Vigotski (2000; 2001), Leontiev (1977) pode proporcionar, por meio de Atividades Sociais, motivações inerentes ao processo de aprendizagem de modo lúdico e participativo nas atividades colaborativas em práticas sociais. O estudo foi realizado com uma turma do 7º ano da rede pública de ensino do Estado de Sergipe, que visitou uma biblioteca pública com o intuito de proporcionar aos discentes novos caminhos para aprimorarem a leitura e a escrita. Os resultados demonstraram que as atividades desenvolvidas entre a teoria e a prática são mais bem absorvidas que as atividades em sala de aula.

**Palavras-chave:** Atividade Social, práticas sociais, o ato da leitura e escrita.

### TEACHER'S/STUDENT'S PRACTICE BETWEEN READING AND WRITING: ON THE SOCIAL ACTIVITY ROADS

#### ABSTRACT

This article presents a study about the reading and writing act in the Portuguese Language class. The motivation for the research arose when the teacher perceived the students' little interest for reading and writing. Therefore, it is believed that the perspective of the Socio-cultural-historical Activity Theory (SCHAT), Vygotsky (2000; 2001), Leontiev (1977) can provide, by means of social activities, motivation inherent to learning process in a playful and participative way in collaborative activities in regard to social practices. The study was carried out with a 7<sup>th</sup> grade group of a public teaching school in the State of Sergipe. These students visited a public library with the purpose to be exposed to new experiences for improving their reading and writing. Results demonstrated that the activities, developed between theory and practice, are more meaningful than the ones in the classroom.

**Keywords:** Social activity, social practices, reading and writing act.

#### INTRODUÇÃO

As pesquisas que norteiam os estudos em linguagem possibilitam aos pesquisadores buscar caminhos para analisar e refletir sobre as práticas educacionais no contexto da leitura e escrita, particularmente no ensino de Língua Portuguesa (LP). Dentre os grupos que utilizam o estudo sobre o ensino de LP e o trabalho docente, há pesquisas sobre a Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC)[1] que propõe a abordagem comunicativa no campo linguístico através da atividade docente e discente em sala de aula. A perspectiva da abordagem de ensino, por meio de atividade social, enfatiza o conjunto de ações mobilizadas por um grupo para alcançar um determinado motivo/objetivo (LIBERALI, 2009).

Nesta concepção, no ensino de LP o trabalho do professor pode ser desenvolvido a partir de práticas sociais correspondentes ao contexto de aprendizagem dos alunos tendo em vista os artefatos culturais assumindo, nesta proposta, como uma visão de conhecimento em que o professor espera, mediante a atividade social, alcançar resultados no desenvolvimento da leitura e produção escrita de seus alunos nas aulas de LP oportunizando a formação de sujeitos leitores e produtores de textos/discursos que embasam suas experiências.

Existem algumas maneiras práticas de abordagem social em leitura e produção escrita. Elas podem nascer no contexto do desenvolvimento educacional a partir da compreensão e percepção do ensino-aprendizagem realizada em sala de aula no ensino de LP quando o professor possibilita trabalhar o conteúdo programático

de maneira a facilitar a aprendizagem. A relação ensino/assimilação é defrontada com o aluno em uma situação de aprendizagem quando não se constitui de simples teorização, *i.e.*, convém na prática do ensino de LP oportunizar mecanismos sociais práticos do contexto sócio-histórico dos alunos.

A abordagem comunicativa da atividade social em Vigotsky (1978/2007) reside na internalização de conceitos, através da socialização de eventos entre sujeitos para construir o pensamento intelectual em que a palavra e os artefatos desempenham papel fundamental nas interações entre comportamento social e consciência.

A atividade futura, que pode ser incluída na atividade em andamento, é representada por signos. Como no caso da memória e da atenção, a inclusão de signos na percepção temporal não leva a um simples alongamento da operação no tempo; mais do que isso, cria as condições para o desenvolvimento de um sistema único que inclui elementos efetivos do passado, presente e futuro [...] na criança engloba, agora, duas novas funções: **as intenções e as representações simbólicas das ações propositadas** (VIGOTSKY, 1978/2007, p. 29, grifo do autor)

Os motivos objetivados do convívio social que representam o signo da percepção temporal fazem os sujeitos relacionar concepções a partir das palavras e dos signos apreendidos. A máquina fazedora do saber reside exatamente na consciência, considerada por Vigotsky (1978/2007) como formação interior. Assim, os sujeitos relacionam-se trocando informações mediatizadas pelo signo e pela palavra, (o saber teorizado em sala de aula e o saber prático, adquirido em atividade social) cabendo a cada um determinar o seu tipo conhecimento desejado através da exterioridade.

Vigotsky (1978/2007) entende a formação do ponto de vista da constituição da atividade mental do próprio sujeito, a importância que é dada à faculdade intelectual e social do próprio sujeito em construir seu conhecimento. Para ele, a fala é importante no desenvolvimento e na aprendizagem, pois, antes de controlar o próprio comportamento, o sujeito começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala, produzindo, dessa forma, novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento.

Machado (2009) ressalta que a atividade educacional é composta por um agente o *professor* aquele que pensa e fala capaz de transformar os modos de pensamento e por um *aluno* que também pensa e fala, mas numa sequência hierárquica que pressupõe um conhecimento sócio-histórico-cultural. Na situação do trabalho educacional, o professor não pode ser visto apenas de forma sistemática que gera e faz funcionar seu objeto específico de trabalho (o conteúdo de LP), pelo contrário, constitutivamente ele deve agir diretamente sobre os mecanismos que emanam do desenvolvimento mental para o social possibilitando alternativas para o processo de ensino-aprendizagem do aluno.

Usar a palavra como signo de conhecimento na construção do saber faz criar novas modalidades de atenção, memória e imaginação. Vigotsky (2004) demonstrou que a linguagem, sistema simbólico básico do sujeito, possui um papel fundamental no desenvolvimento mental, ela causa relação e aproximação aos artefatos na abordagem de aprendizagem a partir da atividade desenvolvida socialmente, aliás, não se trata apenas de um desenvolvimento humano cognitivo isolado, ele fornece capacidade motivadora para o aluno associar seu conhecimento aos diferentes materiais sociais e produzirem especificamente habilidades de leitura e produção escrita através das relações em atividade social.

Tomando as considerações teóricas do processo de desenvolvimento humano, o artefato a ser trabalhado e sequencialmente apreendido é colocado externamente entre os sujeitos em discussão, primeiro pelo professor (processo intrapessoal) e segundo pelo aluno, que se apropria do conhecimento, dá-lhe um significado próprio a partir de sua experiência sócio-histórica e reconstrói, interna e individualmente, a operação (processo interpessoal). Os desdobramentos nesta visão teórica permitem utilizar as práticas de leitura e produção escrita no contexto social, sendo sustentada por uma visão monista apoiada no filósofo Espinosa. Nesse caso, as questões argumentativas dos alunos, em processo de ensino-aprendizagem, não estão dentro deles, é necessário que sejam ensinadas.

### A contextualização da TASHC

A Teoria da Atividade Sócio-Histórico-Cultural (TASHC) está baseada nos princípios de Vigotski 2000; 2001; 2004, 2005, 1978/2007 e Bakhtin 1952-53/2003, ressaltando as competências de ensino-aprendizagem de alunos no contexto escolar que sustenta a relação em atividades sociais, *in loco*, da sala de aula em LP. A abordagem comunicativa baseada em atividade social permite que o professor de LP desenvolva um planejamento para realizar seu trabalho docente. A relação que se estabelece entre a organização e a compreensão de pesquisas com foco na leitura e produção escrita são instrumentos que possibilitam trabalhar a partir das concepções sociais de práticas em LP.

São as intervenções, consideradas sócio-históricas, entre as pessoas, que Vigotsky (2005) defende – no desenvolvimento das abordagens comunicativas dos sujeitos –, como conhecimento e uso de unidades significativas da língua e, posteriormente, a caracterização do pensamento consciente. Essa origem do pensamento social e do funcionamento humano advém do outro – neste caso, especificamente, a relação do locutor com o ouvinte – nas relações sociais do cotidiano. Assim, a linguagem é vista numa concepção

sociointeracionista que se realiza nos eventos discursivos das práticas sociais. Nessa corrente, o percurso do desenvolvimento do sujeito é visto de fora para dentro, do social para o individual considerando seu ambiente físico, a cultura, a história e sua experiência anteriormente recebida.

Das questões discursivas decorrentes de Bakhtin (1952-53/2003) pode-se depreender que a abordagem comunicativa em LP consiste na atividade social de cada sujeito: o professor – *(que planeja e executa sua atividade)*, o aluno – *(que relaciona e absorve o conhecimento desejado)*. Enquanto abordagem educacional, tanto o professor quanto o aluno devem partilhar suas experiências e conhecimento gerando uma atitude responsiva ativa representada por um falante/ouvinte que não se comporta apenas como um decodificador da língua *(neste caso, o conjunto de signos representados em dois pólos: o saber planejado – do professor e o saber adquirido – do aluno quando motivado)*.

A atitude responsiva ativa elenca condições relacionáveis entre os sujeitos e o discurso capaz de promover (dis)concordância através do enunciado produzido. Como é possível uma dupla visão na planificação dos discursivos, eles concordam quando o objetivo é alcançado através do ensino de LP, i.e., a forma como as aulas decorrem suprem as necessidades tanto do professor, que planeja e executa naturalmente suas aulas, quanto dos alunos, que se sentem motivados aprendendo, lendo e produzindo textos sem necessidades de interferências em atividades sociais. Já no plano da discordância dos discursos instituídos, o professor não consegue alcançar seus objetivos traçados por questões diversas e os alunos não aprendem pela pouca ou nenhuma motivação durante as aulas de LP.

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro [...] essa alternância dos sujeitos do discurso, que criam limites precisos do enunciado nos diversos campos de atividade humana e da vida, dependendo das diversas funções da linguagem e das diferentes condições e situações de comunicação, é de natureza diferente e assume formas variáveis. (BAKHTIN, 1952-53/2003, p. 275)

A atividade humana depreende funções de aprendizagem que cada sujeito adquire de maneira diferenciada, por isso que abordagem comunicativa instiga a alternância dos discursos e as atividades sociais como situação real dos diálogos entre o professor que aborda o conhecimento e os alunos que recebem. A cada participação discursiva dos alunos compete uma resposta pela formação de um novo discurso produzido por outrem tecendo uma relação de informações necessárias para o processo de ensino-aprendizagem.

Elencando os sujeitos (professor e alunos) como responsivos, numa concepção bakhtiniana (1952-53/2003), o desenvolvimento de aprendizagem especifica graus diferenciados nas participações enunciativas. Primeiro, o professor situado numa *atitude responsiva imediata*: caracteriza a participação direta do falante quanto ao conteúdo desenvolvido em sala de aula ministrando seu conhecimento a partir do plano elaborado previamente sem artefatos sociais. Segundo, os alunos como sujeitos numa representação *responsiva silenciosa* referindo-se à obediência e concordância da enunciação podendo sinalizar um tipo de fala silenciada pela falta de motivação em estudar LP decorrente de inúmeros fatores. E por último, *atitude responsiva ativa de efeito retardatório*, correspondente à manifestação ativa do sujeito à palavra que lhe foi dirigida, sem resposta imediata quando não há o retorno através da interação e/ou participação durante o desenvolvimento da aula.

As epistemologias decorrentes de Bakhtin (1952-53/2003) significam para a abordagem do ensino de LP o reflexo de um modelo educacional interacional, pois se por um lado o aluno interage nas aulas, por outro pode haver algum que silencia sua fala, mas que não deixam de falar. O silenciamento pode ser uma forma de expressar sobre o ensino de LP e o trabalho do professor. As circunstâncias de desenvolvimento humano para o ensino-aprendizagem de LP é possível ser remodelado a partir de práticas sociais da atividade docente. Não basta apenas o professor transmitir o conteúdo e ter alunos participativos em sala de aula tendo como início, meio e fim o uso dos conceitos gramaticais determinados por um livro didático. A sala de aula deve ser vista como extensão representativa de prática em atividade social que motivam e exploram as capacidades cognitivas dos alunos, confrontando o conteúdo teórico às experiências do contexto social entre alunos e conteúdo programático.

Vigotsky (2007) apresenta como essencial entre aprendizagem e desenvolvimento humano a relação do sujeito com sua realidade, chamada ZPD (Zona Proximal de Desenvolvimento) quando se utiliza da capacidade de relacionar novas informações a partir do conhecimento já adquirido visualizando o aprendizado escolar como conteúdo sistemático que permite,

a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vigotsky, 2007, p. 97)

O conceito de ZPD de Vigotsky (2007) está intimamente ligado ao desenvolvimento da criança como comportamento humano no processo de ensino-aprendizagem, mas aqui ele aparece amplamente discutido numa proposta de abordagem de ensino pelo professor e de desenvolvimento humano pelos alunos. Diante

desse quadro o conceito que enfatiza a abordagem comunicativa da atividade social entre sujeitos e instrumentos/artefatos neste estudo está focado,

na criação de novos significados em que as mediações sociais são “pré-requisito” (instrumento) e “produto” (desenvolvimento). Nesse quadro, produto e instrumento, como mostram os pesquisadores, formam uma unidade dialética, a totalidade “instrumento-e-resultado”. (MAGALHÃES, 2009, p. 61)

Tais simetrias refletem em todo o contexto dos paradigmas de leitura e produção escrita nascentes da origem sócio-histórico filosófico a partir das ideias constituídas em teorias filosóficas que argumentavam o princípio do processo da aprendizagem de fora para dentro considerando o caminho do simples para o complexo. Este procedimento de ensino-aprendizagem permitiu entender esta abordagem como uma prática social, em que as questões argumentativas dos alunos em processo de ensino-aprendizagem além de estarem dentro deles, precisam ser aprimoradas a partir das práticas em atividade social.

Desenvolver a prática de leitura e produção escrita na sala de aula de LP exige do professor a contextualização dos fatores sócio-histórico-cultural dos alunos, pois eles não se sentem motivados para realizar tais atividades nas aulas de LP. Na perspectiva disciplinar, é preciso organizar as informações por meio de conhecimentos que valorizem o conhecimento prévio que cada aluno potencializa cognitivamente.

Dentre o processo de atividade educacional encontra-se atualmente uma inclinação mais bem visível do método tradicional e/ou mecanicista, ancorado principalmente no postulado da psicologia behaviorista, concebendo a linguagem como método fechado que constitui seu significado na simples e monótona leitura do texto como sua representação gráfica, sendo considerada como “única” e “correta” e plenamente credenciada pelo texto.

É possível que um professor de LP faça um planejamento de sua prática docente baseada em atividade social para o ensino de leitura e produção escrita enfatizando aquilo que é ensinado e apreendido enquanto aprendizagem por parte dos alunos. Escalonando as responsabilidades do trabalho educacional, cabe ao professor planejar e organizar **o conteúdo programático de LP** – não limitando apenas ao ensino de gramática; e aos alunos – **sua exterioridade** – ou melhor, as experiências vividas nas representações de mundo dentro e fora da sala de aula.

Sobre ênfase dada ao planejamento do trabalho do professor, Magalhães (2009) ressalta que a ZPD além de facilitar o trabalho em atividade social, significa um espaço dialético capaz de formar uma coletividade e gerar contradições promotoras de situações conflituosas advindas de novas criações em desenvolvimento precisamente reconhecidas e questionadas entre o objeto da atividade, os instrumentos, as ações dos sujeitos que participam das regras que sustentam as relações e a qualidade da divisão do trabalho.

Importante ressaltar nesta discussão que toda base de uma atividade humana compreende um conjunto de itens que proporciona ao trabalho docente vislumbrar a atividade social como uma abordagem comunicativa derivada de instrumentos/artefatos presentes no cotidiano dos sujeitos envolvidos do processo educacional. Segundo Liberali (2009), a atividade deve existir por meio de regras, para organizar a divisão de trabalho, identificando a comunidade e acontece em três pólos básicos: *os sujeitos, o objeto* sobre o qual eles agem e *os instrumentos* específicos elaborados a partir da experiência de gerações precedentes que alargam as experiências possíveis. Os componentes de uma abordagem em atividade social são integrantes e integrados num contexto específico de aprendizagem, para isso Liberali (2009) afirma que

os instrumentos encontram-se entre o indivíduo que age e os objetos ou as situações nas quais ele age. Esses mesmos instrumentos formalizam a atividade que transformam os demais pólos e por eles são transformados. Eles só têm utilidade como mediadores por meio dos esquemas de utilização desenvolvidos pelo sujeito. (LIBERALI, 2009 p. 13-14)

Este conjunto de instrumentos sobre as práticas discursivas mostra que a abordagem comunicativa segue um padrão de interação voltada para o processo de aprendizagem a partir de aspectos interligados com a realidade dos sujeitos por meio de ferramentas e/ou artefatos condicionantes ao ensino de leitura e escrita. A epistemologia deste estudo apresenta um quadro metodológico para esta proposta pela importância no ensino de LP de modo a preparar e envolver os sujeitos na prática de ensino-aprendizagem, que possibilita ir além da sala de aula na construção dos sentidos quanto ao estudo da língua, que não focaliza apenas o livro didático como teorias e métodos da gramática normativa. Toda preparação a partir de uma atividade social deve levar em consideração a imersão cultural que os sujeitos estão inseridos através de sua comunidade discursiva cotidiana.

Estudar a teoria pela teoria pode não ser assimilado em um estudo como este quando é esperado um modelo real na construção específica da atividade social do trabalho docente. Dessa maneira, pela experiência que adquiri como professor de LP no Ensino Fundamental propomos, a seguir, um quadro de atividade social desenvolvida na disciplina de LP. Inicialmente, cabe apresentar um quadro sobre os componentes básicos necessários da estrutura física da atividade social.

--	--

Sujeitos	Todos os participantes envolvidos diretamente que agem em relação ao motivo e realizam a atividade
Comunidade	Todos os sujeitos que compartilham o objeto da atividade por meio da participação na divisão de trabalho e das regras que constituem a realização do evento.
Divisão de Trabalho	São ações intermediárias realizadas pela participação individual na atividade, mas que não alcançam independentemente a satisfação da necessidade dos participantes. São tarefas e funções de cada um dos sujeitos envolvidos na atividade.
Objeto	É aquilo que satisfará a necessidade, o objeto desejado, ou ainda, o que se pretende alcançar com a atividade. Ele tem o caráter dinâmico, transformando-se com o desenvolvimento da atividade. Trata-se da articulação entre o idealizado, o sonhado, o desejado que se transforma no objeto final ou o produto.
Regras	Normas de condutas explícitas ou implícitas que regularizam a comunidade e a participação dos sujeitos na atividade.
Artefatos Instrumentos / Ferramentas	Meios de modificar a natureza para alcançar o objeto idealizado, passíveis de serem controlados pelo seu usuário revelando a decisão tomada pelo sujeito; usados para o alcance final pretendido.

#### Modelo representativo dos componentes de uma Atividade social[2]

A seguir, acompanhando o modelo apresentado acima, exemplificaremos, a partir do uso deste quadro metodológico, uma atividade social desenvolvida com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental realizando a visita na Biblioteca Epifânio Dória como parte integrante de prática social no ensino de Língua Portuguesa.

Atividade Social: Visita à Biblioteca Pública	
Sujeitos	Professor, alunos, pais, coordenador, diretor e gestor público municipal do poder executivo.
Comunidade	Funcionários da biblioteca (repcionista, porteiro, ascensorista, bilheteiro, curador) pais, motorista, guia turístico, professor, pais, alunos, coordenador.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Os alunos</b> foram divididos em 4 grupos: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo 1 pesquisa sobre o acervo de Língua Portuguesa;</li> <li>- Grupo 2 pesquisa sobre os personagens ilustres do Estado na área da Literatura;</li> <li>- Grupo 3 pesquisa sobre marcos históricos da cidade e do Estado;</li> <li>- Grupo 4 pesquisa sobre a origem da linguagem em Sergipe.</li> </ul> </li> </ul> <p>Logo em seguida exposição das pesquisas em cartazes na sala de aula antes da visita aa biblioteca;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O professor</b> orienta as atividades em sala de aula e articula a visita aa biblioteca e a compra dos ingressos antecipados;</li> </ul>

Divisão de Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Os pais</b> autorizam por escrito a liberação do aluno para realizar a visita;</li> <li>• <b>O coordenador</b> articula a visita à biblioteca, a compra dos ingressos antecipados como também a data e o horário do evento e fazendo o contato com o guia turístico para acompanhar a visita;</li> <li>• <b>O diretor</b> realiza o contato com o gestor público para solicitar a liberação do veículo para transportar os alunos;</li> <li>• <b>O motorista</b> dirige o ônibus no trajeto da ida e volta à biblioteca;</li> <li>• <b>O porteiro</b> dá acesso ao estacionamento da biblioteca para os alunos descerem com máxima segurança;</li> <li>• <b>O recepcionista</b> dá as orientações sobre a visita e entrega panfleto sobre o que será visto na biblioteca;</li> <li>• <b>O ascensorista</b> facilitará o acesso de um andar ao outro pelos ambientes internos da biblioteca;</li> <li>• <b>O curador</b> dado alguma exposição temporária existente na biblioteca, ele servirá para apresentar seu trabalho aos visitantes da biblioteca;</li> </ul>
Objeto	Ir à biblioteca e conhecer os aspectos sócio-histórico-cultural-linguísticos do Estado de Sergipe.
Regras	<p>Além dos procedimentos e comportamentos exigidos da boa educação que permitem participar de uma atividade social, também há as seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entregar o termo de autorização dos pais assinado e datado;</li> <li>• Respeitar os demais colegas e a hierarquia escolar;</li> <li>• Apresentar as atividades pré-estabelecidas em sala de aula;</li> <li>• Comprar os ingressos antecipadamente;</li> <li>• Pontualidade na saída para a visita;</li> <li>• Estar devidamente fardados;</li> <li>• Não fotografar dentro da biblioteca em hipótese alguma;</li> <li>• Manter-se em silêncio durante a explanação do guia no interior da biblioteca;</li> <li>• Não tocar nas obras de arte da biblioteca;</li> <li>• Não comer nem beber nas dependências da biblioteca;</li> <li>• Não utilizar as janelas do ônibus durante o trajeto da viagem;</li> <li>• Não fumar e nem consumir bebidas alcoólicas;</li> <li>• Fazer perguntas pertinentes ao que estiver sendo exposto;</li> </ul>
Artefatos Instrumentos Ferramentas	Cartilha de programação da biblioteca, resultado das pesquisas realizadas, cartazes, folder, conversas no ônibus, do agendamento com a administração da biblioteca, dinheiro, lanches, obras de artes, acervo, decisão de horários, acesso aos ambientes desde a escola até a biblioteca.

## O agir discente e docente a partir da leitura e escrita na prática social da atividade em aulas de língua portuguesa

Na experiência de sala de aula, o professor de LP costuma antecipar que seus alunos não possuem uma cultura de leitura e produção escrita durante as atividades da disciplina. Essa discussão que não deixa de ser atual, reflete muito no desenvolvimento educacional do aluno pela relação inexistente de planejamentos pedagógicos voltados às condições entre teoria e prática. Esses conhecimentos desordenados de ensinar LP não potencializam os saberes específicos dos alunos que não se sentem motivados em ler e produzir textos das diversas áreas.

À guisa de uma abordagem comunicativa estimuladora no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, pode ser encontrado, por exemplo, em um aluno que presencia cotidianamente seus pais em atividades sociais de leitura e produção escrita (no uso de jornais impressos, leitura de livros, comentários sobre as leituras, escrevendo um email, uma carta, um bilhete, um texto acadêmico) ele terá muito mais facilidade de aprender a ler e produzir do que outros, cujos pais não são letrados e/ou não desenvolvem atividades rotineiras de leitura e produção escrita.

Importante ressaltar nessa discussão que os aspectos sociais visualizados nesta camada social de alunos anteriormente exemplificada constituem a grande parte da população que, não participam ou não vivenciaram experiência na sociedade de ambientes acadêmico ou com acesso ao letramento. Em decorrência desta representação social sobre a prática de ler e escrever, a TASHC oportuniza ao professor desenvolver seu objeto de ensino usando instrumentos e artefatos culturais presentes na realidade como contexto de aprendizagem na busca da prática de leitura e escrita.

Na abordagem da atividade de ensino de LP com os alunos, a mediação se dá através do uso da linguagem, relacionadas às metas de aprendizagem objetivadas em sala de aula. O seu resultado representou um conjunto de novos conhecimentos em contato com realidades deferentes, de um lado, *a priori*, através de pesquisas que os alunos fizeram para elaborar um conjunto de saberes sobre aspectos sócio-histórico-cultural-linguístico do Estado de Sergipe planejado em grupos mediante orientação do professor. Os alunos apresentaram suas pesquisas em forma de cartazes e exposição oral (exercício da prática de leitura e escrita) em sala de aula aos demais colegas antes de visitar a biblioteca.

Por outro lado, *a posteriori*, com a efetiva visita a biblioteca os alunos tiveram a oportunidade de relacionar seus saberes pesquisados com os saberes apreendidos na prática da atividade social na biblioteca. Não basta pesquisar, visitar e relacionar os conhecimentos adquiridos *a priori*, para afirmar sobre a eficiência da tarefa em atividade social. A solidificação da aprendizagem se constituiu em um terceiro momento quando ocorreu socialização das experiências que cada aluno desenvolveu antes e depois da visita à biblioteca.

Na prática do ensino de LP, o instrumento visto como externo – neste caso, a visita à biblioteca – aparece como espaço de conhecimento aos alunos sobre o objeto da atividade, enquanto que o signo (o conteúdo), orientado internamente, está dirigido para o controle do próprio indivíduo visto nesta pesquisa como as pesquisas realizadas pelos alunos antes da visitação. Tal teoria configura as palavras de Vigotsky (1978/2007) quando se refere ao uso de meios artificiais,

a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica **superior**, ou **comportamento superior** com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (Vigotsky, 1978/2007, p. 56 – grifos do autor).

O autor citado enfatiza a mediação como comportamento no desenvolvimento humano do trabalho com gêneros em sala de aula visto como uma alternativa na aplicação do conteúdo disciplinar. Por outro lado, muito não se faz nesta abordagem comunicativa por dois motivos: primeiro por causa do contexto cultural que os sujeitos transferem para a escola quando não experimentam práticas em atividades de leitura e escrita no ambiente familiar; segundo por causa do estereótipo apresentando sobre o ensino de LP no processo de ensino-aprendizagem desenvolvidos no ambiente escolar, normalmente pensa-se no ensino de LP a partir da gramática como um meio e um fim.

É preciso perceber, antes de uma intervenção através de atividades sociais, que esses conceitos são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem tanto para o professor, que está responsável em planejar suas aulas, quanto pelos alunos que devem reconhecer estas abordagens como instrumentos que facilitam o processo de ensino de LP. Só assim, os resultados começam a aparecer a partir da compreensão nas atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula mediante a assimilação das situações vividas entre o conteúdo e a prática. Vigotsky (1978/2007) ao tratar sobre o processo de formação de conceitos afirma ser

um ato real e complexo que não pode ser ensinado por meio de treinamento (...) O desenvolvimento dos conceitos, ou dos significados das palavras, pressupõe o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar. Esses processos psicológicos complexos não podem ser denominados apenas através da

aprendizagem inicial. A experiência prática mostra também que o ensino direto de conceitos é impossível e infrutífero. (VIGOTSKY, 1978/2007, p. 104)

A partir desta assertiva, o ensino pelo simples método configurado como tradicional, não permite a assimilação do conhecimento geral em LP pela transmissão de conteúdos em sala de aula, é preciso reorientar a prática docente do ensino à experiência real dando possibilidades do desenvolvimento humano cognitivo estabelecer diferenças, construindo conceitos sobre a abordagem comunicativa. O simples método pela reprodução teórica, a partir da leitura e produção escrita, não leva a nenhum resultado, “exceto verbalismo vazio, uma repetição de palavras pela criança, semelhante à de um papagaio, que simula um conhecimento dos conceitos correspondentes, mas que na realidade oculta um vácuo”. (Vigotsky, 1978/2007, p. 104).

### Considerações Finais: os resultados

Desenvolver atividades no ensino de LP não é tarefa fácil, porém não é impossível. Com a experiência do trabalho em atividade social, foi perceptível que o processo de ensino-aprendizagem pode ser mais bem desenvolvido com resultados significativos e menos tenso para os alunos. Planejar tarefas contínuas pode gerar melhores resultados no ensino de LP, não quer dizer com isso que o professor seja obrigado a recorrer às diversas atividades extra-escolares em todas as aulas, mas as sequências permanentes das experiências dos alunos podem facilitar o desenvolvimento das aulas entre os demais e o professor.

Ao realizar a atividade social, foi possível visualizar a fragilidade do processo de ensino-aprendizagem que existe na instituição escolar e principalmente no trabalho planejado (MACHADO, 2009), da disciplina de LP com alunos numa idade de pouca concentração e motivação para estudar os conteúdos de LP abordados em sala de aula. Como toda pesquisa busca respostas às suas questões, esta não tomou rumo diferente. O resultado da prática em atividade social serviu positivamente para analisar o ensino de LP na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, como seus reflexos a partir da receptividade por parte dos alunos em trabalhar com uma abordagem prática objetivando desenvolver a leitura e a produção escrita. Cabe uma ressalva, entre parênteses, desta experiência sobre aos sujeitos participantes. Eles merecem específica atenção, primeiro pela fase de desenvolvimento humano à qual passam, são adolescentes numa fase da vida com pouca paciência e concentração nos estudos e não solícitos em encarar um trabalho diferenciado considerando que esta atividade exerce muito tempo e disposição para pesquisar sobre questões de ensino em LP, tarefa que não os interessa fazer, reconhecendo que este papel só compete ao professor. Segundo, mesmo com este agravante de acomodação educacional pelos adolescentes, após ouvir a proposta de trabalho em LP a partir de atividade social, eles ficam interessados e começaram a se organizar em grupos para desenvolver a pesquisa.

A necessidade deste tipo de tarefa deve ser visto como situação de trabalho para o desenvolvimento do ensino que soluciona um problema diagnosticado na prática do ensino de LP, i.e., aceitar uma nova proposta não significa dizer que o trabalho docente está errado e/ou fora dos padrões prescritos documentalmente oficiais e institucionais. Considerando a atividade social como abordagem colaborativa no processo de ensino-aprendizagem, todos os sujeitos (professor e alunos), são participantes que negociam as aprendizagens a partir de um planejamento feito pelo professor, mas renegociado juntamente com a situação de ensino e os alunos que prevê seus resultados enfatizados na aprendizagem de LP através da prática de leitura e escrita. Dessa maneira, a proposta desenvolvida em atividade social primeiramente foi discutida entre o professor e o pesquisador. Tiradas as dúvidas e absorvido o método de trabalho partiu-se para conversar com a equipe gestora (coordenadora e diretora), bem receptivas, não colocaram obstáculos para realizar o trabalho.

Feitas as devidas “apresentações” sobre a abordagem em ensino de LP a partir de atividade social, na prática de leitura e escrita, o professor propôs aos alunos como tarefa da unidade II o desenvolvimento e execução da proposta. A turma é composta por 20 alunos com idade entre 14 e 16 anos e distribuída em 14 meninas e 06 meninos. Constatou-se a empolgação dos alunos quando o professor explicou sobre a abordagem de trabalho. Logo em seguida, a turma foi dividida em quatro grupos com 5 alunos, mas antes deste evento eles já estavam se organizando informalmente para formar os grupos.

Houve uma exposição sobre o conceito de leitura e escrita e sua importância na disciplina causando certa “antipatia” pelos alunos achando que o processo não passaria de repetições teóricas sobre conteúdos do livro didático. Durante a distribuição das tarefas um dos componentes do grupo 2 questionou o professor: **“professor é possível a gente perceber o processo linguístico de Sergipe”** O professor respondeu enfatizando a importância da biblioteca, “é neste sentido que vocês conhecerão aquilo que ainda não viram”. Disse o professor referindo-se a oportunidade que os alunos terão em conhecer algo quem é visto em sala de aula.

Posto os componentes da atividade social no quadro branco para os alunos entenderem o que aconteceria nos próximos passos do trabalho, os grupos apresentaram o trabalho em forma de cartazes expondo todo material pesquisado, foram duas aulas somente para colocá-los em atividade de leitura e produção escrita. O resultado foi muito positivo superando as expectativas do professor e dos próprios alunos que não acreditavam na coleta de dados que tinha realizado para apresentar os trabalhos antes da visita à biblioteca.

Quanto à experiência da visita, dos 20 alunos participantes deste trabalho, 12 nunca tinham ido a uma biblioteca. A obediência às regras colocadas no quadro da atividade social foi seguida fielmente, sem prejuízo



para a abordagem do ensino e durante a visitação. Durante o trajeto pela biblioteca ficou muito evidente que a pesquisa realizada anteriormente serviu para introduzir algumas reflexões sobre os pontos objetivados da atividade. Posterior à visitação, o professor ainda instigou-os a participarem na aula sobre os pontos positivos e negativos decorridos da atividade. O resultado deste momento foi significativo, pois a tarefa colaborativa no planejamento de uma disciplina representou a participação dos alunos no trabalho planejado da disciplina considerando as experiências advindas dos alunos a partir do conhecimento adquirido nesta relação de trabalho.

Por fim, é possível concluir que a organização de um trabalho em atividade social possibilitou motivação aos alunos para produzirem textos de maneira descontraída. As pesquisas colaborativas serviram de curiosidade prévia à visitação à biblioteca. Através da leitura, eles apresentaram seus trabalhos em sala de aula como resultados. Ao professor, a reorganização de seu trabalho aprimorou o desenvolvimento humano aproximando o sujeito, neste caso, o aluno, entre o real e o teórico, constituindo sua formação através das práticas sociais elaboradas pelas experiências vivenciadas em abordagens comunicativas refletindo o aprendizado da sala de aula para fora dela num processo de assimilação de fora para dentro do simples para o complexo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. In: Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1952-53/2003.

LIBERALI, F. C. **Atividade Social nas aulas de língua estrangeira**. São Paulo: Moderna, 2009.

MACHADO, A. R. **Trabalho prescrito, planejado e realizado na formação de professores: primeiro olhar**. In: Linguagem e Educação – o trabalho do professor em uma nova perspectiva. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

MAGALHÃES, M. C. C. O método para Vygotsky: a Zona Proximal de Desenvolvimento como zona de colaboração e criticidade criativas. In: SCHETTINI, R.; DAMIANOVIC, M. C.; HAWI, M.; SZUNDY, P. (Orgs.) **Vygotsky: uma revisita no início do século XXI**. São Paulo: Andross, 2009.

VIGOTSKY, L. S. (1924). **Teoria e Método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978/2007.

---

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e aluno pesquisador no grupo ALTER/CNPq. Email: carlosheric@ig.com.br.

[1] Esta teoria focaliza o estudo das **atividades** em que os sujeitos estão em interação com outros em contextos **culturais** determinados e **historicamente** dependentes. Uma atividade não é simplesmente um conjunto de ações. Para que esse conjunto de ações possa ser compreendido como uma atividade, é preciso que os sujeitos nela atuantes estejam dirigidos a um fim específico, definido a partir de uma necessidade percebida. (LIBERALI, 2009, p. 12, grifos do autor.)

[2] Sugerimos este modelo a partir de Liberali (2009).